

# O guru dos jovens da Revolução de Jasmim

Norte-americano Gene Sharp ensina como derrubar um governo autoritário usando táticas não-violentas

Kety Shapazian

Quando Muamar Kadafi, Mahmoud Ahmadinejad e Hugo Chávez dizem que há interferência externa nos atuais acontecimentos que chacoalham o Oriente Médio e o norte da África, não é que eles têm razão? Afinal, ativistas de diversos países andam há anos se inspirando no norte-americano Gene Sharp, um senhor de 83 anos que caminha com o auxílio de uma bengala e fala com bastante dificuldade.

Mas que ninguém se engane com sua aparência frágil. Sharp é temido por ditadores de leste a oeste, pois ele tem ajudado milhões de pessoas a alcançarem a liberdade sem usar da violência. Autor de diversos livros, sua obra mais famosa é *From Dictatorship to Democracy* (*Da Ditadura à Democracia*), de 88 páginas, em que ele ensina como derrubar pacificamente um governo autoritário. Escrito em 1993, visando inicialmente o movimento separatista da Tailândia, ele já foi traduzido até agora em 34 idiomas – não há ainda versão em português – e baixado gratuitamente na internet.

Da Tailândia, suas palavras espalharam como fogo (algumas vezes, literalmente) pela Birmânia (atual Mianmar), Índia, Ucrânia, Sérvia, Geórgia, etc. Quando a obra foi traduzida para o russo, as duas livrarias que distribuíam o texto em Moscou misteriosamente pegaram fogo após uma batida dos serviços de inteligência do país. Agora, suas palavras inspiram e guiam protestos na Tunísia, Egito, Irã, Bahrein, Líbia, Iraque e Argélia.

'Genérico' – "A razão de *Da Ditadura à Democracia* ser meu livro de maior sucesso é que ele foi escrito de uma maneira genérica, podendo ser usado em qualquer país, da Venezuela ao Irã. As pessoas me dizem 'Este livro foi feito para nós!'", disse Sharp ao telefone.

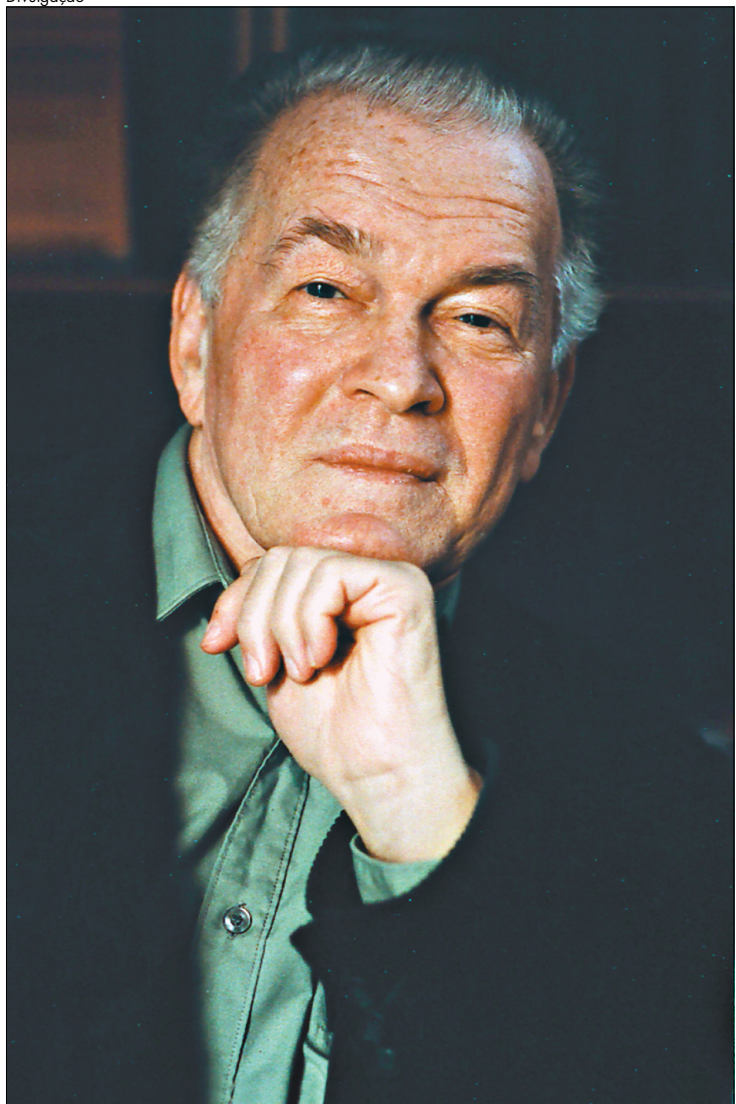
Conversando pausadamente e quase em um sussurro, o doutor em teoria política pela Universidade de Oxford contou que trabalha em um escritório montado em sua própria casa nos arredores de Boston (EUA). É lá que funciona a Instituição Albert Einstein, a ONG sem fins lucrativos criada por Sharp e que estuda o uso de estratégias de ações não-violentas em conflitos ao redor do mundo.

Apesar de ser mundialmente conhecido por conta de sua influência positiva em diversos países e de ter sido nomeado ao Nobel da Paz em 2009, ele perdeu a verba que o financiava e passa por algumas dificuldades financeiras. Teve de labrir mão de um escritório maior e da equipe de 12 pessoas que lhe auxiliava e hoje conta apenas com a ajuda de duas pessoas, uma delas a fiel diretora executiva da organização, Jamila Raqib.

Em seus livros, Sharp detalha o passo-a-passo para derrubar ditadores, enumerando 198 ações que podem ajudar os ativistas nesse processo de transição até a democracia. Em 2009, após a Revolução Verde no Irã, muitos dos manifestantes presos e que enfrentaram julgamento foram acusados de usar pelo menos cem dos métodos pacifistas do veterano.

O governo de Ahmadinejad ficou tão preocupado com a influência de Sharp nos jovens do país que transmitiu na TV uma animação no qual o norte-americano aparece como um suposto agente da CIA que planeja derrubar o regime islâmico com a ajuda da Casa Branca.

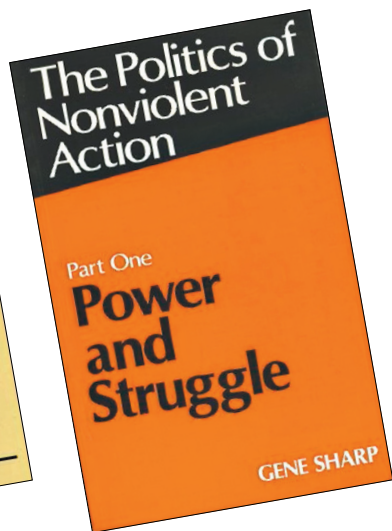
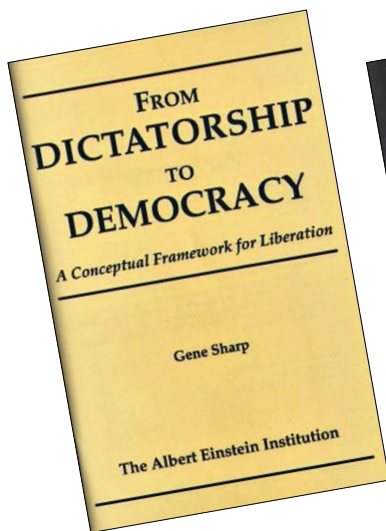
Divulgação



Símbolo do movimento sérvio Otpor (Resistência), que seguiu as ações pacíficas de Sharp e derrubou o ditador Slobodan Milosevic.

A razão de 'Da Ditadura à Democracia' ser meu livro de maior sucesso é que ele foi escrito de uma maneira genérica, podendo ser usado em qualquer país.

GENE SHARP



**WikiLeaks** – Em documentos vazados pelo WikiLeaks, a junta militar que governa Mianmar o acusou de conspiração. Já o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, usou seu programa semanal de TV para avisar que Sharp era uma ameaça à segurança nacional do país.

Na Praça Tahrir, no Cairo, a versão em árabe do livro *Da Ditadura à Democracia* foi amplamente divulgada. Cópias da lista com as 198 táticas de resistência pacífica também passaram de mão em mão, mas muitos dos ativistas não sabiam a origem daquelas palavras. E quem sabia, não contava, com medo de que a "influência norte-americana" na revolução egípcia não fosse vista com bons olhos, enfraquecendo o movimento.

Mas um dos principais métodos de Sharp foi determinante para a derrubada do então presidente Hosni Mubarak: identificar os pilares que sustentam o regime autoritário e tentar abrir um diálogo com eles. No caso do Egito, o grande pilar de sustentação era o exército. Assim que os manifestantes anti-governo conseguiram o apoio dos militares, eles souberam que o fim do ditador era inevitável.

Isso não quer dizer que a democracia no Egito está garantida. "Não dá para afirmar com certeza que serão bem-sucedidos. Eles conseguiram o primeiro grande feito, que foi a derrubada do ditador. Mas agora enfrentam um tempo de incertezas, caos e confusão. É uma época perigosa. Este vácuo no poder ainda corre o risco de ser preenchido por alguém das forças militares ou até por uma intervenção estrangeira", disse.

*Da Ditadura à Democracia* é apenas uma das mais de 20 obras de Sharp dedicadas à ação civil pacífica. Outro trabalho dele, *Políticas de Ação Não-Violenta*, de 1973, é um compêndio de quase 900 páginas e, segundo o autor, seu trabalho mais importante. "As ditaduras existem porque o povo consente", simplificou ele.

Em uma entrevista há quase 10 anos, fez uma revelação surpreendente. Disse que faltou muito pouco para que os manifestantes que protestaram durante semanas na Praça da Paz Celestial, em Pequim (China), conseguissem derrubar o governo. "Faltou uma estratégia."

Todos os textos podem ser baixados gratuitamente em [www.aeinstein.org](http://www.aeinstein.org). Doações também são bem-vindas.

Adam Jan/AFP



## 'Mudanças a caminho' no Bahrein

Milhares de opositores xiitas bloquearam a entrada do escritório do primeiro-ministro do Bahrein, mas não conseguiram impedir uma reunião do governo, ontem, quando a campanha por reformas no país entrou na terceira semana.

A maioria xiita do Bahrein reclama de discriminação e perseguição política no país. Os manifestantes exigem a renúncia do premiê devido à corrupção e aos choques entre forças de segurança e oposição, em que sete pessoas foram mortas.

"Não ao diálogo até que o governo caia", diziam os cartazes dos manifestantes diante do escritório do premiê (*acima*).

O xeque Khalifa bin Salman Al Khalifa, primeiro-ministro e tio do rei Hamad bin Isa Al Khalifa, está no poder há 40 anos, e faz parte de uma dinastia sunita que comanda o Bahrein há dois séculos. Khalifa, que ontem pre-

sidiu uma reunião de ministros, disse à agência estatal *Bahrain News*, que as mudanças estão a caminho e que "a marcha reformista (do reino) vai continuar".

"As políticas de desenvolvimento do governo continuarão se movimentando, pois estamos determinados mais do que nunca a alcançarmos o objetivo de melhorar os padrões de vida dos cidadãos, oferecendo a eles os meios para uma vida decente", declarou.

A oposição xiita pede uma monarquia constitucional, mas alguns dos manifestantes acampados do lado de fora da Praça Pérola, na capital, exigem que a monarquia sunita deixe o poder totalmente.

Atualmente, o parlamento de Bahrein é a única entidade eleita, mas tem autoridade limitada uma vez que todas as decisões do país, incluindo a indicação de ministros do governo, cabem ao rei. (AE)



## Líbano, novo palco de protestos.

Cerca de 8 mil pessoas participaram de um protesto em Beirute, ontem, contra o sistema político sectário do Líbano, gritando os mesmos slogans usados pelos manifestantes que derrubaram os presidentes da Tunísia e do Egito.

"O povo quer derrubar o sistema", disseram manifestan-

Cynthia Karam/Reuters



tes, ecoando os pedidos que se espalharam pelo mundo árabe nas últimas semanas.

Críticos dizem que a delicada divisão de poder fomenta a corrupção e fortalece os líderes das diversas facções cristãs e muçulmanas. (Reuters)

